

# Cantando os meus Quintanares

Mario Quintana  
(Trechos do poema "Canção de Barco e de Olvido")

Gil de Roca Sales

*Calmamente*

Sop. e Cont.      Ten. e Bas.

Eu vou pas - san - do\_e pas - san - do      co - mo em bus - ca de ou - tros

Eu vou pas - san - do\_e pas - san - do

a res      sem - pre de bar - co pas - san - do      can - tan - do os meus Quin - ta -

do      sem - pre de bar - co pas - san - do can - tan - do os meus Quin - ta -

8      1.      2.      Solo

na - res      na - res.      1. Eu que - ro o ma - pa das

na - res      na - res.      2. No mes - mo ins - tan - te ol - vi -

Fim

11      nu - vens      e um bar - co bem va - ga - ro - so

dan - do      tu - do\_o de que te lem - bra - res.

D.C.

Não quero a negra desnuda. Não quero o baú do morto. Eu quero o mapa das nuvens E um barco bem vagaroso.	Que eu vou passando e passando Como em busca de outros ares... Sempre de barco passando, Cantando os meus Quintanares...
Ai esquinas esquecidas... Ai lampiões de fins-de-linha... Quem me abana das antigas Janelas de guilhotina?	No mesmo instante olvidando Tudo o de que te lembrares.

O termo "Quintanares", hoje adotado por poetas, artistas e escritores de todo o Brasil, é um neologismo para designar os tão singulares poemas de Mario Quintana. Convém não esquecer que foi criado por Cecília Meireles (1910-1964), e solenemente ratificado por Manuel Bandeira, em 1966, na Academia Brasileira de Letras. Posteriormente, o próprio Quintana adotou o termo em seus versos e como título de um de seus livros.